

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

Roque Marconi de Mello

**GESTÃO FINANCEIRA PESSOAL DE FUNCIONÁRIOS COM
EMPREGO ESTÁVEL – FUNCIONÁRIOS DO BANCO X S.A.**

**Porto Alegre
2010**

Roque Marconi de Mello

**GESTÃO FINANCEIRA PESSOAL DE FUNCIONÁRIOS COM
EMPREGO ESTÁVEL – FUNCIONÁRIOS DO BANCO X S.A.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto de Oliveira Kloeckner

**Porto Alegre
2010**

Roque Marconi de Mello

**GESTÃO FINANCEIRA PESSOAL DE FUNCIONÁRIOS COM
EMPREGO ESTÁVEL – FUNCIONÁRIOS DO BANCO X S.A.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Aprovado em ____ de _____ de 2011.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.

Prof.

À minha esposa Márcia, pela dedicação, compreensão, apoio, pois sem seu amor jamais teria chegado até aqui. Aos meus filhos, Bethania, Bárbara, Sebastião, Blanda, Bernardo, Bruno, Betina, Júnior e João, pela compreensão na minha ausência. À minha mãe e a meu pai (*in memoriam*) pela formação moral e ética e pela motivação para as muitas possibilidades da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela graça da vida e suas realizações.

À minha família, que sempre permaneceu unida e me apoiou nos momentos difíceis por que passamos, sendo que o amor e a dedicação de minha amada esposa Márcia nunca deixaram de iluminar nossos caminhos.

Aos meus amigos, pela compreensão nesta árdua jornada.

Aos colegas de trabalho, que se solidarizaram nos momentos difíceis.

A todos aqueles que contribuíram para a concretização deste trabalho de conclusão.

Aos que me apoiaram ao longo destes quatro anos e meio de curso.

Aos colegas de curso, que juntos sofremos com as angústias, mas, no final, vencemos batalhas.

Ao Prof. Dr. Gilberto de Oliveira Kloeckner, pela honra de ter o trabalho supervisionado pelo Professor Doutor em Finanças, pela London School of Economics.

Ao co-orientador Ricardo Groselli, pelo apoio e pelo incentivo para a conclusão deste trabalho.

Aos coordenadores de pólo, Gilberto Josemin, com quem iniciamos esta jornada, e ao Ricardo Grings, pelos muitos sábados em que nos orientou.

RESUMO

Com a economia estabilizada a partir de 1994, a população brasileira começa a perceber a importância de conhecer alguns conceitos básicos de gestão financeira, bem como de buscar informações sobre gestão das finanças pessoais de uma forma geral. Nesse sentido, evidencia-se o pouco uso de ferramentas, que mesmo muito simples de se utilizar, não está na cultura dos brasileiros. O campo das finanças é amplo e dinâmico e afeta diretamente a vida das pessoas e das organizações. O controle é a força motriz do processo de planejamento, onde está inserido o orçamento, que, após o processamento, resultará na poupança, que nada mais é do que o lucro resultante de uma boa gestão financeira. Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é pesquisar e analisar a importância que é dada pelos funcionários do Banco X S.A., Agência Campo Bom, Rio Grande do Sul, ao processo de educação, planejamento financeiro e formação de patrimônio. Para atingir o objetivo geral proposto, foi realizada uma pesquisa, através de questionário, com perguntas fechadas, em uma população não-probabilística de 28 bancários da Agência do Banco X S.A. em Campo Bom (RS). Além disso, para atingir os objetivos e os componentes deste trabalho, como educação financeira, ferramentas de controle, finanças pessoais, investimentos e planejamento financeiro, entre outros, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com o uso de diversos autores de diferentes épocas e lugares.

Palavras-chave: Finanças pessoais. Gestão financeira. Educação financeira. Planejamento financeiro pessoal. Controle financeiro pessoal.

ABSTRACT

With the economy stabilized in 1994, the Brazilian population begins to realize the importance of knowing some basic concepts of financial management, to seek information about personal finance management in general. The little use of tools that even very simple to use is not in the Brazilian culture. The field of finance is large and dynamic. It directly affects the lives of people and organizations. Control is the driving force of the planning process which is inserted the budget, which after processing will result in savings, which is nothing more than the profit resulting from a sound financial management. Thus, the purpose of this study was to investigate and analyze the importance that is given by the Bank staff X SA, Ag Campo Bom (RS), the process of education, financial planning and asset formation. To achieve the overall objective of the proposed research was conducted through a questionnaire with closed questions, in a population of 28 non-probabilistic bank of X Ag Bank SA, in Campo Bom (RS). Moreover, to achieve the objectives and components of this work, such as financial education, control tools, personal finance, investments and financial planning, among others, a literature search was performed with the use of various authors from different times and places.

Keywords: Personal finance. Financial management. Financial education. Personal financial planning. Personal financial control

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados: mostra de 23 funcionários do Banco X, Agência Campo Bom - RS	33
Tabela 1 – Perfil dos entrevistados: mostra de 23 funcionários do Banco X, Agência Campo Bom - RS	34
Tabela 2 – Como são tomadas as decisões de compra	35
Tabela 3 – Relevância do ensino da Educação Financeira Pessoal	36
Tabela 3 – Relevância do ensino da Educação Financeira Pessoal	37
Tabela 4 – Conceitos e expectativas na execução de um Plano de Gestão Financeira	38
Tabela 4 – Conceitos e expectativas na execução de um Plano de Gestão Financeira	39
Tabela 5 – Conceitos e expectativas da amostra que efetivamente declarou fazer gerenciamento de suas finanças.....	40
Tabela 6 – Gestão de reservas para emergências e aposentadoria	42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANBIMA - Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais

API - Análise do Perfil do Investidor

BC - Banco Central do Brasil

BACEN - Banco Central do Brasil

CDB - Certificado de Depósito Bancário

CDC - Crédito Direto ao Consumidor

CDI - Certificados de Depósitos Interfinanceiros

CVM - Comissão de Valores Mobiliários

DI - Depósito Interfinanceiro

IGP-M - Índice Geral de Preços de Mercado

IR – Imposto de Renda

LFT - Letras Financeiras do Tesouro

LTN - Letras do Tesouro Nacional

NTN - Notas do Tesouro Nacional

PGBL - Plano Gerador de Benefícios Livres

RDB - Recibo de Depósito Bancário

SELIC - Sistema Especial de Liquidação e Custódia

STN - Secretaria do Tesouro Nacional

SFN - Sistema Financeiro Nacional

TMS - Taxa Média Selic

TPF - Títulos Públicos Federais

TR - Taxa Referencial

VGBL - Vida Gerador de Benefícios Livres

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 FINANÇAS: A ARTE DE GERENCIAMENTO DO DINHEIRO	12
1.1 DESEJO E SATISFAÇÃO.....	12
1.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA.....	13
1.3 PLANEJAMENTO E CONTROLE FINANCEIROS	17
1.3.1 Planejamento financeiro	18
1.3.2 Controle financeiro	19
1.4 PRODUTOS OU INSTRUMENTOS FINANCEIROS (FORMAÇÃO DA POUPANÇA)	23
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
3 DA TEORIA À PRÁTICA – AS FINANÇAS PESSOAIS DE QUEM CUIDA DO DINHEIRO DOS OUTROS.	33
3.1 PERFIL DA AMOSTRA	33
3.2 COMO SÃO TOMADAS AS DECISÕES DE COMPRA.....	35
3.3 RELEVÂNCIA DO ENSINO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA PESSOAL.....	36
3.4 EXPECTATIVAS NA EXECUÇÃO DE UM PLANO DE GESTÃO FINANCEIRA	38
3.5 AMOSTRA SEGMENTADA – SOMENTE AQUELES QUE FAZEM PLANEJAMENTO DE SUAS FINANÇAS PESSOAIS.....	40
3.6 GESTÃO DE RESERVAS PARA EMERGÊNCIAS E APOSENTADORIA	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICE	51

INTRODUÇÃO

As rápidas transformações que ocorrem no mundo, a globalização dos mercados e da economia, a rapidez das comunicações, os sistemas avançados de processamento e transferência de dados, têm afetado sensivelmente o modo de vida das pessoas, seus sonhos e objetivos, obrigando-as a uma nova postura de gerenciamento financeiro em suas vidas. Com a estabilização da economia a partir de 1994, ficou mais fácil fazer um planejamento financeiro para médio e longo prazo.

A situação financeira pessoal, como elemento de condição social e equilíbrio profissional podem gerar efeitos negativos, como instabilidade emocional e estresse. As renúncias, perdas e adaptações acabam interferindo na atividade produtiva, com reflexos indesejáveis para a organização. Essa situação torna-se bem mais evidente, quando estes profissionais (no caso bancários) atuam no setor financeiro, onde a credibilidade é fator fundamental.

Um profissional endividado tem desempenho e humor afetados, comprometendo sua produtividade e colocando em jogo a imagem da empresa, ao passo que uma boa gestão financeira pessoal evita a desmotivação e o gasto de tempo com a administração de dívidas não programadas (VIANA FILHO, 2003). Dessa forma, é necessário e primordial que os agentes desse processo sejam capazes de administrar de forma eficiente sua vida pessoal, para que os reflexos sejam sentidos pelos clientes e pela empresa onde trabalham.

A proposta deste trabalho tem como objetivo geral identificar o nível de conhecimento e a utilização de ferramentas na administração das finanças pessoais pelos funcionários do Banco X, em suas decisões financeiras. Considerando o exposto, pretende-se investigar e comparar as percepções sobre a Gestão Financeira Pessoal dos funcionários do Banco X, na agência de Campo Bom, no Rio Grande do Sul.

No contexto ora exposto, torna-se inevitável questionar se os funcionários realizam gerenciamento financeiro pessoal adequado ao seu perfil e qual o grau de importância atribuído ao conhecimento de finanças. Assim, direcionando este questionamento para um segmento específico, questiona-se: Os funcionários do Banco X, considerando as diversas faixas salariais e os conhecimentos profissionais, utilizam de forma adequada os conhecimentos e as ferramentas para a administração de suas finanças pessoais?

Os objetivos específicos da pesquisa são:

- a) Estudar conceitos teóricos de finanças aplicados a finanças pessoais;
- b) Aplicar o instrumento em uma amostra de funcionários do Banco X;
- c) Identificar o nível de utilização das ferramentas de finanças pessoais pelos funcionários da amostra.

O tema escolhido foi uma opção, considerando os anos de convivência com funcionários do Banco X, instituição que se mantém entre as maiores do país. No entanto, a realidade pessoal dos funcionários não é a mesma. As diversas mudanças ocorridas na economia, tanto de ordem externa (planos econômicos, estabilização da moeda) como interna (salários, planos de reestruturação) geram dificuldades, angústias e sonhos que não se realizam.

Trata-se de um assunto relevante para a trajetória profissional, pois um profissional com problemas financeiros tende a sofrer interferência em seu desempenho, comprometendo seu rendimento, conseqüentemente, a qualidade do trabalho e o risco à credibilidade. Para a instituição, este trabalho poderá servir como subsídio na orientação e na criação de cursos mais abrangentes, inseridos como aperfeiçoamento técnico profissional.

Além da introdução e das considerações finais, o trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, será feita uma revisão conceitual sobre finanças pessoais, educação financeira, influências na tomada de decisões, planejamento e controle financeiro e formação da poupança. No segundo capítulo, constarão os procedimentos metodológicos, o método utilizado e sua justificativa, o instrumento de coleta de dados e a forma de análise da pesquisa. No terceiro, estará a análise dos resultados e, por fim, as considerações finais

1 FINANÇAS: A ARTE DE GERENCIAMENTO DO DINHEIRO

Conforme Silva (2005), finanças é um ramo da economia que trata do relacionamento com a obtenção e a gestão do dinheiro e os recursos ou o capital, por parte de uma pessoa ou empresa. Finanças pode, também, ser definido como a arte e a ciência de administrar os valores e os instrumentos envolvidos na transferência de dinheiro entre pessoas, negócios e governos. Na sociedade moderna, caracterizada pelo consumo, o dinheiro, muito além de significar riqueza e poder, é um item básico, independente da classe social.

Para Viana Filho (2003), ter dinheiro significa sobreviver e ter mais dinheiro significa sobreviver com mais conforto. O dinheiro bem administrado traz satisfação, realiza desejos e transforma sonhos em realidade. É preciso entender o que ele representa e qual a sua utilidade e importância para assegurar a própria sobrevivência.

1.1 DESEJO E SATISFAÇÃO

Quando um consumidor é introduzido em uma situação de consumo, ele vem para essa situação com alguns desejos ou expectativas, ou com ambos. Em algumas situações, o que é desejado será o mesmo que o esperado. Segundo Kotler (2005), “satisfação consiste na sensação de prazer ou desapontamento resultante da comparação do desempenho ou do resultado percebido de um produto em relação às expectativas do comprador, em outras palavras, o que é desejado pode ser diferente da expectativa”.

O processo de tomada de decisão com relação ao consumo tem influência direta sobre a administração financeira pessoal. Quando se depara com a possibilidade de comprar uma mercadoria ou contratar um serviço, o consumidor é forçado a tomar uma decisão: efetuar a compra e satisfazer um desejo ou poupar. Esse processo pode tornar-se bastante complexo, dependendo do grau de envolvimento do consumidor e das influências a que estará submetido.

Entre essas influências, podem-se citar fatores psicológicos, culturais e sociais, além da influência de campanhas de *marketing*. Engel, Blackwell e Miniard (2000) enfatizam que quando os consumidores reconhecem uma necessidade tornam-se, geralmente, mais receptivos à propaganda que antes teriam ignorado completamente. Os apelos da mídia levam

as pessoas a gastarem além de suas reservas, lançando mão de cartões de crédito, cheque especial e outros financiamentos, a fim de satisfazer prazeres, desejos ou compulsão de compra.

Nesse sentido, saber lidar com o dinheiro deveria ser básico para todas as pessoas, pois não basta ter recursos, é necessário saber administrá-los. Quem não sabe corre o risco de viver com um padrão de vida abaixo daquele em que teria condições de estar. Evidencia-se que o comprometimento com a educação financeira e a prática do planejamento financeiro pessoal não são apenas para aqueles que possuem sobras no orçamento. Quando os recursos são escassos, a realidade da grande maioria da população brasileira torna-se imprescindível a excelência na gestão dos recursos.

1.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Conforme o Dicionário Aurélio, educação é o “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano”. Observado em todas as sociedades, a educação sob as diversas formas permite a manutenção e a perpetuação às gerações futuras, dos modos culturais de ser, estar e agir, necessários à convivência e ao ajustamento de um membro no seu grupo ou sociedade.

Nesse sentido, de uma maneira mais abrangente, a Educação Financeira pode ser entendida como um processo de transmissão de conhecimento, que permite o aprimoramento da capacidade financeira dos indivíduos. Desse modo, eles podem tomar decisões fundamentadas e seguras, tornando-se mais integrados à sociedade, com uma postura pró-ativa na busca de seu bem-estar.

Conforme Silva (2005, p.55), “A falta de uma cultura ampla de planejamento obscureceu, diante dos olhos do brasileiro, a importância da gestão financeira pessoal como forma de garantir uma vida financeira tranquila”. Segundo Viana Filho (2003), com a alfabetização, as pessoas passaram a ter atitudes realistas e verdadeiras, para assim construir um poder pessoal que inclui a autoconsciência, o autocontrole, o respeito próprio, a responsabilidade e a conexão interna necessária para o seu próprio desenvolvimento.

Haldfeld (2008) argumenta que adoção de princípios básicos de planejamento e controle financeiro possibilita um alcance mais rápido dos objetos e necessidades de

consumo. Possibilita, também, maior folga no orçamento, o que se resume em maior tranquilidade.

Ainda tem-se a ideia de que muito dinheiro soluciona os problemas financeiros. Isso não é considerado verdade e já foi provado por diversos veículos de comunicação, os quais evidenciaram pessoas que, por motivos variados, ficaram milionárias do dia para a noite e, com uma velocidade muito parecida, voltaram à situação anterior, ou ainda pior. Frankenberg (1999) assevera que isso acontece única e exclusivamente por falta de educação financeira, aquela que mostra não ser a quantidade de dinheiro que vai mudar a vida de alguém, mas como lidar com essa quantidade.

É consenso entre os autores a necessidade de se inserir a educação financeira no dia a dia, como forma de sensibilizar as pessoas para o valor do dinheiro. Com isso, quer-se possibilitar a formação do patrimônio e situar-se financeiramente no contexto socioeconômico.

Conforme relata Smith (2005), a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE – criou o *Financial Education Project* para estudar a Educação em Finanças Pessoais e propor ações de fomento aos seus países-membro (OCDE, 2004). Esse projeto foi estabelecido em 2003, com a finalidade de analisar a efetividade das iniciativas existentes nos países, desenvolver técnicas que permitam a comparação das ações, de modo a prover um conjunto de recomendações de melhores práticas para a sua implantação.

Um dos resultados desse projeto foi a publicação de um relatório, em novembro de 2005 – *Improving Financial Literacy: Analysis of Issues and Policies*. Consta no relatório que os países pesquisados estão adotando políticas para instruir a população quanto aos conceitos de crédito, investimentos e instrumentos de seguro, o que demonstra preocupação com a população jovem. Para a OCDE (2004), o envolvimento das instituições financeiras no processo de Educação em Finanças Pessoais deve ser estimulado de tal forma a ponto de ser adotada como parte integrante de suas práticas de relacionamento com seus clientes, provendo informações financeiras que estimulem a compreensão de suas decisões, principalmente nos negócios de longo prazo e naqueles que comprometam expressivamente a renda atual e futura de seus consumidores.

A sociedade organizada também é um elemento importante na criação, na divulgação, no armazenamento e na distribuição da informação financeira pessoal para as pessoas. Nesse

sentido, estudos mostram a importância, a eficiência e as consequências da utilização de programas de educação financeira por empresas e associações, com ou sem auxílio do Estado.

Bernheim e Garrett (2003) estudaram os efeitos da educação financeira no local de trabalho, através de uma pesquisa realizada nas famílias dos empregados. O objetivo da pesquisa era, primeiramente, verificar os efeitos que os programas de educação financeira aplicados pelas empresas tiveram na poupança das famílias, seja para fins de aposentadoria ou para fins gerais.

Os dados colhidos evidenciaram que houve de fato um aumento na poupança daquelas famílias. Isso levou os autores a afirmarem que “a educação financeira estimulou significativamente a poupança para a aposentadoria entre os baixos e moderados poupadores” (BERNHEIN e GARRETT, 2003). Além disso, os dados indicaram que houve contribuição para a poupança das famílias em geral.

No Brasil, por muito tempo, não se deu importância à educação financeira, por questões culturais, sociedade patriarcal (patriarca era o único que lidava com o dinheiro) ou pela história econômica de nosso país, cercada por elevados índices de inflação. Somente a partir de meados de 1994, com a estabilização de nossa economia, começou-se a tomar consciência da importância de planejar as finanças pessoais. Antes, o prioritário era driblar a alta dos preços (FRANKENBERG, 1999).

Várias recomendações sugeridas pela ONU, pelos bancos centrais e por pesquisadores vêm sendo atendidas no Brasil. Foram criados procedimentos jurídicos e estruturas que viabilizaram a busca da proteção e da defesa do consumidor na sociedade. Existe o Programa de Orientação e Proteção ao Consumidor (PROCON), as promotorias de defesa do consumidor e boa quantidade de organizações, públicas ou não, que lutam pelos direitos do consumidor. Não há dúvida que é importante, necessário e correto o desenvolvimento do país nessa área.

No Brasil, além da carência de pesquisas sobre o assunto, o Estado e as organizações públicas e privadas não estão atentas à alfabetização financeira da população. Não há no país, de forma organizada e efetiva, preocupação com a divulgação de informações sobre finanças pessoais, de modo a auxiliar os brasileiros no gerenciamento de suas finanças. E não é porque não existe necessidade, mas pela falta de conhecimento das autoridades e da sociedade organizada sobre o assunto.

É fundamental haver mais pesquisas sobre o assunto para que se possam oferecer às pessoas as informações de que elas necessitam, a fim de tirarem bons proveitos do sistema financeiro e não serem apenas vítimas dele. As pesquisas sobre as finanças pessoais dos brasileiros são escassas no meio acadêmico e no âmbito governamental. É possível encontrar atitudes isoladas de órgãos e entidades de defesa do consumidor preocupadas com a informação da população sobre o assunto.

Podem-se destacar algumas ações e projetos como o do Banco Central do Brasil (BACEN), o qual possui um Programa de Educação Financeira (PEF-BC), que visa à educação financeira da população brasileira. Nesse programa foram confeccionados materiais impressos e eletrônicos, com o intuito de explicar as operações básicas que uma pessoa deve conhecer e informar-se sobre a importância da boa administração financeira. Além disso, são promovidos ciclos de palestras e disponibilizado na Internet material sobre o tema

Pode-se citar, também, a Centralização dos Serviços Bancários S/A (SERASA), que é uma organização muito conhecida, pelo fato de administrar um cadastro que informa ao comércio e às instituições financeiras sobre as pessoas que estão com problemas de endividamento no mercado. A SERASA criou um guia, na realidade uma cartilha, explicando sobre a inadimplência, como evitá-la e como lidar com ela.

Além de expor os termos legais, direitos e deveres dos endividados, ela se preocupa em transmitir informações úteis para as pessoas evitarem as armadilhas do mercado, as quais possam levá-las à inadimplência. Com linguagem simples e ilustrada, as pessoas recebem valiosas orientações para o seu cotidiano financeiro. Destaca-se que a cartilha está disponível no portal da SERASA, na Internet.

Outra iniciativa vem da Bolsa de Valores do Estado de São Paulo (BOVESPA), que possui o Projeto Educar, criado pela BOVESPA e suas Corretoras de Valores, para divulgar conceitos de educação financeira, por meio de cursos e palestras. O projeto está voltado para qualquer pessoa, em idade escolar ou não, que queira saber mais sobre planejamento de finanças pessoais, hábitos de poupança e tipos de investimento. O Projeto Educar oferece cursos presenciais e *on-line* sobre o assunto.

Organizações privadas também estão começando a propor ações de educação financeira para a população. Os bancos começaram a veicular propaganda de crédito, alertando para o seu uso inteligente. Podem-se verificar nos *sites* de algumas instituições

financeiras informações sobre a melhor administração de recursos e dicas para lidar com as finanças pessoais.

Por fim, existe o próprio mercado com fins lucrativos, que viu na educação financeira da população brasileira uma boa fonte de renda. Assim, no mercado, existe uma variedade de livros, palestras, cursos e especialistas que trabalham disseminando a informação financeira pessoal. De certa forma, isso é bom, pois tenta suprir uma lacuna que não deve ficar aberta na sociedade brasileira. A Educação em Finanças Pessoais deve ser um processo contínuo, acompanhando a evolução dos mercados e a crescente complexidade das informações que os caracterizam.

1.3 PLANEJAMENTO E CONTROLE FINANCEIROS

Como destaca Viana Filho (2003), para muitas pessoas, é normal, ao final do mês, sobrar pagamento e faltar recebimento. Elas desenvolvem em torno de si uma estrutura de custos elevada comparada a sua renda, seja por motivos objetivos, como aluguel, transporte, escola, ou por motivos subjetivos, aqueles relacionados a aspectos psicológicos sem um controle, de forma compulsiva.

Para Toledo (2006), quando se sabe o que se quer, sente-se mais motivado e disciplinado para poupar e, assim, para resistir às tentações dos gastos inúteis, sem necessidades. Segundo o autor, a nossa satisfação consiste em saber que, dessa forma, está sendo conquistado aquilo que tanto se deseja.

Muitas pessoas ignoram a importância de uma vida financeira controlada e planejada, seja por pensar ser muito difícil organizar receitas e despesas, seja por não saber por onde começar ou não ter uma direção a seguir. Com uma vida financeira bem controlada, o dinheiro vai render mais, possibilitando a realização de planos e sonhos considerados inatingíveis, mesmo sem alteração alguma na renda. Na próxima seção serão apresentadas informações sobre planejamento financeiro e o início da organização das finanças pessoais.

1.3.1 Planejamento financeiro

O planejamento financeiro serve para que as pessoas encontrem um equilíbrio na vida financeira. Isso para não se tornarem aquele tipo de pessoa que guarda todo o dinheiro que recebe e não gasta em nada, nem aquele tipo que gasta tudo o que recebe não sobrando centavo algum para as despesas futuras.

A ausência de planejamento financeiro é um fator determinante para o endividamento, porém sua origem não é meramente administrativa. O ambiente financeiro, aliado às facilidades de acesso ao crédito, bem como à identificação com pessoas de classes econômicas mais favorecidas, criam condições mentais e sociais que levam o indivíduo a aceitar o ônus do déficit financeiro, para manter o padrão acima do que seu salário comporta (SILVA, 2005).

A regra mais importante para ter uma boa saúde financeira é gastar menos do que se ganha. Apesar de ser uma regra básica e simples de ser seguida, ela não é observada pela maioria das famílias brasileiras, como constatado através da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) 2008-2009, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Nesse estudo, verificou-se que 17,9% das famílias brasileiras têm dificuldade para chegar ao fim do mês com o rendimento monetário familiar, segundo a situação do domicílio e as classes de rendimento total, bem como a variação patrimonial mensal familiar – Brasil (IBGEPOF, 2008-2009).

O planejamento, associado à organização, pode ser considerado o primeiro degrau na consecução dos objetivos familiares. O processo de planejar requer um modo de pensar que envolve interesses e indagações e esses envolvem questionamentos sobre o que será feito, como, para quem, quando, por que, por quem e onde será feito (HALFELD, 2008). Para esse autor, poupar é a primeira batalha; investir corretamente, fazendo seu dinheiro crescer é a segunda. Assim, usufruir dos resultados obtidos é vencer a guerra.

O gestor familiar deve estabelecer suas metas, abrangendo eventos presentes e futuros, visando à sustentação, à prosperidade e à economicidade do patrimônio. Conforme Silva (2005), o gerenciamento familiar só terá êxito se tiver a aceitação de todos os membros envolvidos, pois eles devem ser considerados como uma conta de despesas.

O planejamento é o conjunto previamente ordenado de ações, que têm como fim alcançar posições futuras desejadas. Para Halfeld (2008, p. 21), “poupar é adiar o consumo presente, visando a um consumo maior no futuro”.

O produto final do planejamento é a orientação sobre o impacto das decisões que se deve tomar hoje. O planejamento é afetado por múltiplos fatores e recursos que se entrecruzam, no sentido de retratar e abranger diferentes perspectivas. Ressalta-se, entre essas, o desafio de se estabelecer coerência entre os objetivos e os meios para alcançá-los (SILVA, 2005).

O planejamento não deve ser visto como um conceito rígido e inflexível, e as metas devem ser estabelecidas e lembradas constantemente. A definição dos objetivos e das metas não pode ser estanque, por isso revisões periódicas são necessárias. Acrescido a isso, manter um espírito de autocrítica constante é desejável e aconselhável, especialmente quando há mudanças significativas no contexto econômico-financeiro ou quando ocorrerem alterações na situação pessoal/familiar (FRANKENBERG, 1999).

Chiavenato (1993) define planejamento como a função administrativa que determina antecipadamente os objetivos que devem ser alcançados e como alcançá-los e para assegurar que os resultados daquilo que foi planejado e organizado se realizem é indispensável o controle. De nada adianta planejar e organizar se não existir um controle efetivo sobre o que está sendo realizado. No próximo item, serão abordados aspectos sobre o controle e o acompanhamento daquilo que foi planejado.

1.3.2 Controle financeiro

Literalmente, diz-se que controle faz referência à inspeção, fiscalização, ou, aqui, o ato de manter um banco de dados atualizado. É preciso entender, que para um planejamento adequado, são necessárias anotações de tudo que acontece com o seu dinheiro. Muitas pessoas têm uma grande dificuldade já nesse ponto, por não entender a definição de “tudo”. É fundamental destacar que nenhum controle será bem feito se não houver atenção aos detalhes. Não existem “detalhes desnecessários”, quando se lida com dinheiro. As pequenas saídas tornam-se grandes despesas, com o passar do tempo.

Conforme Halfeld (2008), as pessoas devem assumir compromissos consigo mesmas. O autor menciona que talvez a mudança de pequenos hábitos possa gerar importantes contribuições em sua poupança. Sendo assim, supõe-se que, ao gerirem suas finanças pessoais através de instrumentos modernos (planilhas, check list, entre outras formas) e através da sensibilização sociocultural, pode-se melhorar física e emocionalmente suas vidas, tanto no ambiente pessoal quanto no profissional.

A elaboração de um planejamento financeiro familiar não se restringe apenas a anotar os valores gastos e ver se o salário é suficiente para cobrir os custos. É preciso montar um orçamento para que não escape valor algum gasto e, conseqüentemente, um planejamento, a fim de minimizar as despesas ao máximo e poupar para o futuro. Fazer um orçamento, conforme Martins (2004) pode ser definido como o ato de estimar a renda familiar, definir metas de resultado e fixar despesas.

Um orçamento pessoal é muito parecido com um orçamento empresarial. Os conceitos são os mesmos: fluxo, ativo e passivo. Segundo Martins (2004), ativos são bens e direitos que se tem; passivo são as dívidas e as obrigações; fluxo é o movimento de entrada e saída de alguma coisa em determinado período.

De acordo com Ferreira (2006), por ativo, entendem-se todos os bens e direitos de propriedade da pessoa, que são avaliáveis em dinheiro e que representam benefícios presentes ou futuros para o indivíduo. Exemplos de bens: máquinas, terrenos, dinheiro (moeda), veículos, imóveis, entre outros. Exemplos de direitos: contas a receber, títulos a receber, ações, depósitos em contas bancárias, títulos de crédito, entre outros.

O passivo evidencia toda obrigação (dívida) que a pessoa tem com terceiros. Como exemplos: contas a pagar, impostos a pagar, financiamentos, empréstimos, prestações, entre outros. O passivo é uma obrigação exigível, isto é, no momento em que a dívida vencer, será exigida (reclamada) a sua liquidação.

A diferença entre o total do ativo e o valor total do passivo é o Patrimônio Líquido (PL). O PL, afirma Ross, Westerfield e Jordan (2000), procura refletir o fato de que, se a pessoa vendesse/resgatasse seus ativos e utilizasse o dinheiro para pagar todas as suas dívidas, o valor residual pertenceria ao indivíduo. Dessa forma, o balanço fecha, retomando a ideia da balança e do equilíbrio com a equação $\text{Ativo} = \text{Passivo} + \text{Patrimônio Líquido}$. Rearranjando os termos, tem-se: $\text{Patrimônio Líquido} = \text{Ativo} - \text{Passivo}$.

Para a organização e a visualização das receitas, das despesas e do valor poupado em dado período de tempo, faz-se o fluxo de caixa. O estudo do fluxo de caixa é determinante na elaboração do planejamento financeiro. “As pessoas enfrentam dificuldades financeiras porque não controlam seu fluxo de caixa.” (KIYOSAKI; LECHTER 2002, p. 158). A organização financeira pessoal passa obrigatoriamente pela estruturação do fluxo de caixa, possibilitando a visualização das entradas e das saídas de dinheiro no curto e médio prazo.

Listar as despesas e comparar com as receitas é um trabalho importante para descobrir se há desequilíbrio nas contas e verificar o porquê disso. De acordo com Zdanowitz (2004), o conjunto de ingressos e desembolsos de numerário, ao longo de um período, é denominado fluxo de caixa. O planejamento do fluxo de caixa é importante, porque indica antecipadamente as necessidades de numerário para o atendimento dos compromissos que a pessoa assumiu ou irá assumir, considerando os prazos para serem saldados.

Desse modo, o administrador financeiro tem condições de planejar, com devida antecedência, os problemas de caixa que poderão surgir em consequência de reduções cíclicas das receitas ou de aumentos no volume dos pagamentos. É importante ressaltar que no contexto deste trabalho, “o administrador financeiro” é cada pessoa e “a empresa” é a realidade individual.

Ainda conforme Zdanowicz (2004), outro papel importante que o fluxo de caixa desempenha é a possibilidade de evitar a programação de desembolsos vultosos para períodos em que os ingressos orçados sejam baixos. Entre os objetivos de se elaborar um fluxo de caixa, citados pelo autor, destacam-se:

- a) Programar os ingressos e os desembolsos de caixa de forma criteriosa, permitindo determinar o período em que deverá ocorrer carência de recursos e o montante, havendo tempo suficiente para as medidas necessárias;
- b) Permitir o planejamento dos desembolsos, de acordo com as disponibilidades de caixa, evitando-se o endividamento;
- c) Verificar a possibilidade de aplicar possíveis excedentes de caixa;
- d) Facilitar o controle financeiro;
- e) Projetar um plano efetivo de pagamento de débitos.

Para Kiyosaki e Lechter (2002), a principal causa da dificuldade financeira, tanto para as famílias quanto para as empresas, está no desconhecimento da diferença entre um ativo e

um passivo. O analfabetismo, tanto de palavras quanto de números, é a base para as dificuldades financeiras pessoais e, conseqüentemente, organizacionais. Segundo Viana Filho (2003), o fluxo de caixa é a demonstração visual das receitas e das despesas distribuídas pela linha do tempo futuro.

A importância da realização do planejamento antes de se começar o período a ser controlado permite que não se faça somente a contabilidade de gastos já realizados. Para se montar o fluxo de caixa, deve-se fazer uma lista com todas as receitas e despesas de que a entidade irá ter no período a ser planejado. Devem-se separar as despesas em categorias; nessas categorias, devem ser colocadas as despesas de mesma natureza, a fim de facilitar a análise dos relatórios posteriores (PEREIRA, 2003).

Para tanto, as anotações dos gastos devem ser diárias. Fazendo isso, sabe-se exatamente o que se gastou durante o mês. Todos os membros da família responsáveis por gastos e despesas precisarão estar comprometidos com o orçamento e dispostos a colaborar, caso contrário, o planejamento não dará certo. É necessário que todos entendam que para atingir os objetivos previstos, o dinheiro não dá para comprar tudo o que se quer, é fundamental dar prioridade ao que é mais necessário.

Abaixo, segue exemplo de como podem ser montadas essas categorias e despesas:

- a) Habitação: taxa de condomínio, luz, água, IPTU, gás, empregados domésticos, entre outros;
- b) Saúde: médicos, plano de saúde, dentista, remédios, academia, entre outros;
- c) Transportes: táxi, ônibus, passagens aéreas, gasolina, mecânico, IPVA, entre outros;
- d) Educação: faculdade, colégio, cursos, aula de idiomas, entre outros;
- e) Investimentos: poupança, ações, fundos de renda fixa/variável, entre outros;
- f) Impostos sobre a Renda: Imposto de Renda, Contribuição Social, entre outros;

Ao organizar as finanças familiares com critérios definidos, sendo bastante realista com as receitas e as despesas, é possível descobrir que se têm mais recursos do que se imagina para fazer aplicações. O controle das finanças não vai fazer com que as pessoas ganhem dinheiro, ou dizer qual o melhor investimento, mas ajudar na melhor utilização do

dinheiro, permitindo que as pessoas gastem com coisas que realmente gostem e cortem gastos nas obrigações.

O controle financeiro permite, ainda, saber para onde vai o dinheiro e como fazê-lo ir para os lugares em que se pretende que ele esteja. Kiyosaki (2007) afirma que, ao assumir o controle do futuro financeiro, a pessoa encontra a autoconfiança que irá ajudar em todas as áreas da vida. Por meio dessa autoconfiança incrementada que encontrará a liberdade para ser, fazer e ter tudo aquilo que quer.

Para Frankenberg (1999), quando se realiza um controle financeiro eficiente, é possível: apreciar o prazer de escolher e de comprar o que gosta; apreciar cada centavo obtido no mês; substituir o impulso por gastos lógicos e planejados; olhar para o futuro e prever despesas e gastos obrigatoriamente exagerados; trabalhar nas metas de vida ao mesmo tempo em que ajusta as finanças a elas. Assim, controlar o dinheiro para, então, criar expectativas realistas, que gerem tranquilidade e esperança.

Com a organização do fluxo de caixa, do orçamento e da situação patrimonial, tendo como base os objetivos estabelecidos no planejamento financeiro, parte-se para as decisões de investimento do valor poupado. É o momento de iniciar um programa de poupança e investimento. “Não basta ganhar. Tem que saber multiplicar.” (PEREIRA, 2003, p.63). No próximo item, serão abordados aspectos sobre investimento como os principais produtos existentes no mercado, o risco e a identificação, conforme perfil pessoal do investidor.

1.4 PRODUTOS OU INSTRUMENTOS FINANCEIROS (FORMAÇÃO DA POUPANÇA)

Conforme Bernstein e Damodaran (2000), investimento é um processo inacabado, que começa com a compreensão de dois papéis, o do tempo e o da incerteza, ou seja, investir depende de um processo de tomada de decisão hoje, para obter resultados futuros incertos. As taxas de retorno podem variar muito, conforme o tempo total em que o investidor está exposto ao mercado.

Para Toscano Junior (2004), com relação aos investimentos financeiros, basicamente, o risco é a possibilidade de se obter um retorno abaixo do esperado ou, em casos extremos, a perda de todo capital investido. Viana Filho (2003) argumenta que o melhor investimento é aquele que vai deixar a pessoa dormir tranquila, que não colocará em risco a sua saúde

financeira e que financiará todos os seus objetivos. Para encontrar esses investimentos, é preciso primeiro fazer a lição de casa, ou seja, conhecer a si mesmo como investidor e a seus objetivos.

Os instrumentos financeiros são os meios utilizados para se alcançar os objetivos de investir. São ativos ou modalidades operacionais disponíveis no mercado financeiro, são emitidos ou intermediados pelos bancos, podendo ser de renda fixa ou renda variável.

Silva (2005) declara que os fundos de investimento funcionam como uma ideia de condomínio, isto é, uma aplicação em conjunto, em que, apesar de todos terem o direito de resgatar suas cotas, nem todos o realizam ao mesmo tempo, ficando uma grande soma disponível, que pode ser aplicada em papéis de maior rentabilidade. Eles podem ser classificados como de renda fixa ou renda variável.

CDB (Certificado de Depósito Bancário) e RDB (Recibo de Depósito Bancário) são os mais antigos e mais utilizados títulos de captação de recursos pelos bancos comerciais, bancos de investimento, bancos de desenvolvimento e bancos múltiplos. Para Fortuna (2008), os depósitos a prazo (CDB e RDB) são títulos de renda fixa emitidos por bancos comerciais, de desenvolvimento, de investimentos e caixas econômicas, utilizados para captação de recursos junto às pessoas físicas e jurídicas, em que a taxa e o prazo são negociados no momento da aplicação.

O CDB é uma modalidade de aplicação com prazo, condições de remuneração e liquidez definidas no ato de cada aplicação. Normalmente, quanto maior a quantia investida e maior o prazo de permanência no investimento, maiores as taxas de retorno negociadas (FORTUNA, 2008).

Halfeld (2008) conceitua ações como títulos negociáveis que representam uma parcela mínima do capital de uma empresa. O mesmo autor define Bolsa de Valores como uma associação, sem fins lucrativos, que reúne corretores, intermediários no processo de comprar e vender ações. Corretoras de Valores, conforme definido no *site* da Bovespa, são instituições autorizadas a funcionar pelo Banco Central e pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Destaca-se que somente as corretoras estão habilitadas a executar operações de compra e venda de ações na Bovespa.

A poupança é um depósito remunerado, sem data de vencimento, com rendimento pós-fixado, composto de reajuste monetário (TR – Taxa Referencial) e juros de 6% ao ano (capitalizados 6,17% a.a (ao ano) para pessoa física e pessoas jurídicas isentas e 6,14% a.a

para as demais pessoas jurídicas). Conforme Fortuna (2008), poupança é a aplicação mais simples e tradicional, uma das poucas, ou a única, em que se podem aplicar pequenas quantias e ter liquidez.

A poupança é um ativo que rende de acordo com a quantidade de dias úteis no mês e a variação da TR no período. A taxa de juros é 0,5% ao mês, aplicado sobre os valores atualizados pela TR, na data do aniversário.

A remuneração é mensal para pessoas físicas e jurídicas sem fins lucrativos e trimestrais para pessoas jurídicas com fins lucrativos, sendo essas últimas tributadas em 22,5% sobre o rendimento nominal, a título de imposto de renda. Caso o resgate ocorra fora da data base, não há remuneração sobre o valor resgatado.

A poupança para pessoas físicas é isenta de IOF (Imposto sobre Operações Financeiras), de imposto de renda e de taxa de administração. Ela tem liquidez imediata, sem risco, até R\$ 60.000,00, por CPF (Cadastro de Pessoas Físicas) e por instituição financeira devido ao FGC (Fundo Garantidor de Créditos) (MACEDO, 2010).

Debêntures são títulos de longo prazo, emitidos por empresas de capital aberto, geralmente com o objetivo de financiar projetos de investimentos ou para o alongamento do perfil de endividamento dessas companhias. Trata-se de um instrumento no qual o emitente do título (tomador) promete pagar ao aplicador (debenturista), o capital investido, acrescido de juros em determinada data, previamente definida, porém alguns títulos podem ser emitidos com duração indeterminada.

Esses títulos também podem ser emitidos nos tipos simples ou conversíveis, sendo que o primeiro tipo promete ao aplicador apenas a rentabilidade sobre o valor do investimento. Já o segundo oferece ao investidor a possibilidade de converter o valor do resgate em ações da empresa emitente (ASSAF NETO, 2008).

Os Títulos Públicos Federais (TPF) e tesouro direto são recursos que o governo Federal capta por meio da Secretaria do Tesouro Nacional (STN), no mercado financeiro, através da emissão de títulos públicos, visando a suprir suas necessidades de capital de giro. Esses títulos são registrados como dívida mobiliária e constituem-se em alternativas de investimento financeiro para pessoas físicas e jurídicas, de baixíssimo risco (assumem somente o risco conjuntural). Um título público não tem o risco do emitente.

Por ocasião do seu lançamento (mercado primário), o BACEN (Banco Central do Brasil) realiza o leilão chamado primário ou formal. Essa é uma ocasião em que os TPF são vendidos para bancos, corretoras e distribuidoras, que revendem esses papéis para pessoas físicas e jurídicas interessadas em adquiri-los (mercado secundário) (ASSAF NETO, 2008)

Derivativos são instrumentos financeiros que tem sua origem (derivação, dependência) do valor de outro ativo financeiro ou mercadoria, parcial ou integralmente. Assaf Neto (2008) relata que, em vez dos próprios ativos serem negociados no mercado, os investidores apostam em seus preços futuros e, através de contratos, assumem compromissos de pagamentos e entregas físicas futuras.

As vantagens principais são: maior atração ao capital de risco, permitindo uma garantia de preços futuros para os ativos; criação de defesas contra variações adversas nos preços; estímulo à liquidez do mercado físico; melhora do gerenciamento do risco, reduzindo o preço dos bens e realização de negócios de maior porte com um volume relativamente pequeno de capital e nível conhecido de risco.

Fortuna (2008, p. 516) afirma que clube de investimento é “o condomínio constituído por pessoas físicas para aplicação de recursos em títulos e valores mobiliários” “[...] devendo contemplar um número de no mínimo três e no máximo 150 participantes”. A carteira de um fundo de investimento deve ser composta de, no mínimo 51% em ações, bônus de subscrição e debêntures conversíveis em ações de companhias abertas, adquiridas em bolsa de valores, ou no mercado de balcão organizado, por entidades autorizadas pela CVM, ou ainda durante o período de distribuição pública.

Conforme Fortuna (2008), a previdência (Plano Gerador de Benefícios Livres) PGBL e (Vida Gerador de Benefícios Livres) VGBL são fundos de investimento orientados para a aposentadoria de seu investidor. A reserva formada nesse momento pode ser transformada em renda vitalícia ou temporária ou ainda pode ser resgatada se esse for o desejo do contribuinte.

O PGBL é indicado para quem faz declaração de renda no formulário completo, porque os aportes anuais podem ser deduzidos da base de cálculo do Imposto de Renda (IR), no limite de 12% dos rendimentos tributáveis. Entretanto, em um eventual saque dos recursos, ocorre a incidência do Imposto de Renda sobre capital e juros.

O VGBL, segundo Fortuna (2008), é “quase um clone do PGBL”. A diferença está no tratamento fiscal, pois os aportes não podem ser deduzidos da base de cálculo do Imposto de Renda, mas por ocasião de resgates, sobre os quais o IR incidirá.

Como já foi visto, o plano de independência financeira precisa ser elaborado e implementado. Assim, para o que se espera do futuro, deve ser iniciado hoje com as ações.

Para acumular patrimônio e atingir a independência financeira, é necessário:

- a) Poupar, fazendo sobrar dinheiro em determinado período;
- b) Gastar menos do que se ganha.

Ao mesmo tempo, deve-se administrar o investimento com eficiência:

- c) Patrimônio é o que a pessoa possui;
- d) Investimento é o patrimônio que gera renda;

Ao definir os objetivos de investimentos, a decisão deve levar em consideração os prazos de retorno, conforme descrito a seguir.

- a) Objetivos de curto prazo: são aqueles que se deseja alcançar em até um ano. São aplicações para ter um fundo de emergência, para financiar suas próprias férias ou algo do gênero;
- b) Objetivos de médio prazo: são aqueles que se leva de um a cinco anos para conquistar. Esses investimentos servirão para compra da casa própria, troca do carro, entre outros;
- c) Objetivos de longo prazo: são aqueles destinados, por exemplo, à complementação da aposentadoria ou à faculdade dos filhos, pois se espera que se comece a pensar sobre isso com mais de cinco anos de antecedência.

Segundo Viana Filho (2003), ao fazer economia, surge a questão: como aplicar o dinheiro economizado, de forma segura com boa liquidez e, o mais importante, com boa rentabilidade? A resposta a essa questão não é fácil de ser obtida, mas começa com a palavra “depende”. Depende de muitos fatores, entre os quais: a propensão ao risco, o nível de liquidez desejada, o prazo de seu investimento (item importante a ser considerado) e a rentabilidade desejada.

Se a pessoa dispuser de mais tempo, pode direcionar suas aplicações para maior risco, pois elas tendem a uma rentabilidade bem mais elevada do que aplicações conservadoras. Já

opções muito conservadoras, como a caderneta de poupança, no longo prazo, podem ocasionar perda de dinheiro (LUQUET, 2003).

Segundo Cerbasi (2004), muitos trabalham por toda a vida para, no momento da aposentadoria, momento esse que deveria ser utilizado para colher os benefícios conquistados no decorrer da sua história laboral, ter o poder de compra diminuído. Isso pode e deve ser evitado e, para que isso aconteça, precisa existir a poupança.

Halfeld (2008) enfatiza o fato de antes de qualquer tipo de investimento que vise a aumentar o patrimônio, é necessário uma poupança de alta liquidez (que possa ser sacada a qualquer tempo) que equivalha a seis meses do valor gasto mensalmente com despesas operacionais (aquelas necessárias para nosso dia a dia). Essa atitude visa a livrar as pessoas de, em um momento de necessidade, utilizar-se de recursos que estejam “parados” em investimentos que trarão retornos maiores no futuro, e que, se sacados com urgência, podem acabar representando um prejuízo.

O pouco conhecimento da maioria das pessoas sobre finanças e a grande quantidade de opções de investimentos mostram a necessidade das instituições financeiras oferecerem mais segurança aos investidores ao realizarem suas operações. A recente crise financeira de 2008 mostrou que muitos investidores descobriram que não tinham tolerância ao risco para fazer investimentos em ações. Em momentos de alta da bolsa de valores, muita gente se empolga e ignora os riscos inerentes ao produto.

Tendo em vista esses fatores, a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais (AMBIMA) normatizou, a partir de janeiro /2010, a Análise do Perfil do Investidor (API), conforme Código ANBIMA de Regulação e Melhores Práticas para a Atividade de Gestão de Patrimônio Financeiro no Mercado Doméstico. Nesse instrumento, obrigatório para todo cliente que for aplicar em fundos das categorias, ações, multimercado e renda fixa crédito privado, o investidor é convidado a responder um questionário para apontar o perfil de risco e, com isso, o banco poderá oferecer produtos mais alinhados às suas necessidades e, assim, verificar se os investimentos estão adequados aos seus objetivos.

O aspecto mais importante para o investidor, conforme Toscano Junior (2004) é identificar, entre os diversos tipos de investimentos, qual é aquele que melhor atenderá sua expectativa de retorno, ou seja, qual se adapta melhor ao seu perfil. Muitas empresas assim

como investidores individuais procuram investir de forma segura, com a intenção de preservar o capital investido e de obter um pequeno ganho acima da inflação.

Para outros investidores, por sua vez, o mais importante é obter uma rentabilidade acima da média de mercado. Na política de investimentos, pode-se observar qual o objetivo da aplicação, ou seja, qual a expectativa de retorno financeiro desejado, quais os tipos de riscos e qual o limite de tolerância de perdas. Seguem as principais características, conforme Toscano Júnior (2004), para melhor interpretação do perfil de investidores: conservador, moderado e arrojado.

Conservador: o investidor conservador não tem por objetivo ganhar, mas preservar seu capital. Ele não admite perder ou ver a sua aplicação encolher, prefere risco zero como os fundos de renda fixa DI e de curto prazo. Aplicações em ações e derivativos nem passa pela sua cabeça.

Moderado: o investidor com o perfil moderado quer ganhar dinheiro e aceita correr certo tipo de risco. Dessa forma, admite que sua aplicação fique por alguns meses sem remuneração ou tenha uma pequena perda, assim, sempre, procura fundos que representam rendimentos superiores à média de mercado. Suas preferências são os fundos multimercados (fundos aplicados através do investimento em vários mercados ao mesmo tempo).

Arrojado: o investidor pensa como um especulador e não como um poupador. Ele investe muito em ações, fundos de ações e derivativos. Normalmente, esses tipos de investidores são muito capitalizados, com investimentos bem diversificados. Eles não têm medo de perder tudo que aplicaram, assumem o prejuízo e partem em busca de novos investimentos. Essa é uma prática muito utilizada nos principais mercados no exterior, pois é importante para as instituições financeiras verificarem se os produtos oferecidos aos clientes estão aderentes ao perfil de risco. No mercado internacional, esse processo é conhecido como *suitability*, que em uma tradução livre, significa adequação, compatibilidade (ANBIMA, 2010).

Conforme a Comissão de Valores Mobiliários (CVM, 2010), no portal do investidor, é encontrada as definições dos instrumentos financeiros mais utilizados para se alcançar os objetivos de investir. Instrumentos financeiros são ativos ou modalidades operacionais disponíveis no âmbito do mercado financeiro, emitidos ou intermediados por um banco, podendo ser de renda fixa ou de renda variável.

Segundo Sohsten (2004) toda decisão de investimento precisa ser analisada sob três pilares: liquidez, risco e rentabilidade. Liquidez é a capacidade de transformar o investimento em disponibilidade financeira, ou seja, ter acesso ao seu dinheiro. Risco está relacionado à confiança no retorno do valor aplicado. Rentabilidade representa o retorno financeiro da aplicação, indicando quanto ele rendeu no período aplicado. Nenhum investimento apresenta ao mesmo tempo, liquidez, rentabilidade e segurança.

Halfeld (2008) enfatiza que é necessário selecionar o aspecto mais favorável em uma aplicação e abrir mão de outros. Como exemplo, a caderneta de poupança é a mais segura (conta com o FGC) e liquidez a qualquer momento, no entanto, rende juros de apenas 6% ao ano, mais TR. Ações, por sua vez, podem ser mais rentáveis, mas estão sujeitas a oscilações de preços. Investimento em imóveis pode ser atraente, mas a sua venda poderá ser demorada (baixa liquidez).

No próximo capítulo, denominado procedimentos metodológicos, são apresentados os recursos científicos utilizados para a realização desta pesquisa, bem como o método utilizado, o instrumento de coleta de dados, sua aplicação e análise dos dados.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho trata-se de um estudo de caso, com abordagem quantitativa, de natureza descritiva e com caráter exploratório.

O objeto da pesquisa abrangeu a população de funcionários do Banco X, agência de Campo Bom (RS), considerando uma população total de 28 (vinte e oito) funcionários. A pesquisa utilizou-se de amostragem não probabilística por conveniência. O universo dessa pesquisa foi restrito aos funcionários lotados na Agência do Banco X em Campo Bom e o instrumento utilizado para a coleta de dados foi a aplicação de um questionário com 31 (trinta e uma) questões fechadas, sendo entregue pessoalmente para cada um dos 28 (vinte e oito) funcionários, total da população da pesquisa.

Retornaram 23 (vinte e três) questionários do total de 28 (vinte e oito) entregues. Todos respondidos, os quais foram considerados válidos para a população. Dessa forma, considerou-se como amostra e objeto da pesquisa os 23 respondentes. As perguntas foram distribuídas aleatoriamente dentro do questionário, buscando-se, dessa forma, inibir o encadeamento de ideias, evitando a indução à resposta seguinte.

As perguntas foram elaboradas, buscando-se apurar informações sobre o perfil dos respondentes: idade, sexo, escolaridade. Aprofundou-se com perguntas sobre como administram sua vida financeira, desde conhecimento sobre produtos até o planejamento e o controle de gastos. Finalizou-se com questões gerais sobre comportamento e tomada de decisão de consumo. Os dados coletados foram tabulados com o auxílio de planilha do Microsoft Excel, com elaboração de gráficos e tabelas, expostos no capítulo de resultados, facilitando, assim, o entendimento do assunto estudado. Foi conhecido o percentual de funcionários que fazem gestão de suas finanças, aqueles que começaram e desistiram e os que nunca buscaram essa forma de gerenciamento. Buscou-se, também, outras informações como idade, sexo, escolaridade, dados esses que subsidiaram a análise do objetivo principal, já apresentado na introdução.

Considerou-se como fazer gestão a utilização de ferramentas e anotações ordenadas das entradas e saídas e seus desdobramentos. Neste capítulo, foram expostos os procedimentos metodológicos utilizados para a efetivação da pesquisa e, no próximo capítulo,

os dados encontrados serão analisados e discutidos à luz da revisão teórica e de trabalhos de outros autores.

3 DA TEORIA À PRÁTICA – AS FINANÇAS PESSOAIS DE QUEM CUIDA DO DINHEIRO DOS OUTROS.

Os dados coletados estão disponibilizados para o leitor, partindo-se de uma sequência, sendo que, inicialmente, tratar-se-ão de informações sobre o perfil dos funcionários de quem os dados foram coletados. Em seguida, será realizada uma análise mais efetiva, envolvendo a amostra e outros aspectos importantes da pesquisa.

Durante a análise, os objetivos da pesquisa são lembrados e discutidos, resultando em um melhor entendimento sobre o assunto. Cabe salientar a importância da percepção dos entrevistados em relação à educação financeira pessoal e, também, aos temas onde se percebe maior carência no nível de importância dada aos assuntos da gestão das finanças pessoais e o gerenciamento dos recursos propriamente ditos.

O escopo deste trabalho foi buscar e analisar como os funcionários da Agência do Banco X, na cidade Campo Bom – RS administram suas finanças pessoais. Além disso, quer-se verificar como se dá a tomada de decisão em relação aos gastos e a formação da poupança para o futuro, tendo em vista o contato diário com produtos financeiros, perfis de investidores e classes, as mais variadas possíveis.

3.1 PERFIL DA AMOSTRA

A Tabela 1 apresenta os resultados referentes ao perfil dos entrevistados em relação à idade, ao sexo e ao estado civil. Foram considerados para análise os 23 funcionários que devolveram os questionários respondidos.

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados: mostra de 23 funcionários do Banco X, Agência Campo Bom - RS

QUESTÕES	ALTERNATIVA	AMOSTRA	%
Idade	26 A 35	9	39,13
	36 A 45	10	43,48
	MAIS DE 45 ANOS	4	17,39

Continua...

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados: mostra de 23 funcionários do Banco X, Agência Campo Bom - RS

QUESTÕES	ALTERNATIVA	AMOSTRA	%
Sexo	Masculino	12	52,17
	Feminino	11	47,83
Estado civil	Solteiro	5	21,74
	Casado	12	52,17
	Viúvo	0	0
	União estável	5	21,74
	Separado	1	4,35
Escolaridade	Fundamental	0	0
	Médio	3	13,04
	Superior	20	86,96
Independente financeiramente	Sim	22	95,65
	Não	1	4,35

Fonte: Elaborada pelo autor.

Na população amostral, visualizou-se um equilíbrio de gênero, sendo 52,17% da população do sexo masculino e 47,83% do sexo feminino. A grande maioria dos entrevistados possui idade entre 26 e 45 anos (82,61%). Com relação ao estado civil, há uma predominância dos casados, 52,17% da amostra total. Os solteiros correspondem a 21,74% da amostra total.

Com relação ao nível de escolaridade, apurou-se que a maioria dos funcionários possui nível superior 86,96%, e o restante cursou, no mínimo, o Ensino Médio, com 13,04% da amostra total. No quadro acima, verificou-se que a faixa etária dos funcionários situa-se entre 26 e 50 anos, considerada assim a idade produtiva.

Halfeld (2008), em sua representação do ciclo da vida financeira de uma pessoa, salienta que é na juventude, entre os 20 e 50 anos, que se deve definir os objetivos, poupar disciplinadamente, assumir conscientemente riscos e não se esquecer de fazer seguros de vida e de saúde. Continua o autor descrevendo que, entre os 50 e 65 anos, a pessoa deve adotar uma postura mais conservadora e evitar correr riscos. Dessa forma, após os 65 anos, a pessoa pode aproveitar a aposentadoria confortavelmente.

Frankenberg (1999) relata que, no mundo inteiro, adota-se o princípio de que, quanto mais jovem é a pessoa, mais ela pode brincar com seu dinheiro. Pode existir esse raciocínio se

o jovem perder seu patrimônio em um investimento ou negócio, pois terá mais tempo para recuperá-lo. Isso se torna mais difícil para quem já avançou 1/3 ou 2/3 do tempo de vida.

3.2 COMO SÃO TOMADAS AS DECISÕES DE COMPRA

Na tabela a abaixo, são apresentados os dados sobre atitude dos entrevistados em relação à decisão de gastar.

Tabela 2 – Como são tomadas as decisões de compra

QUESTÕES	ALTERNATIVAS	AMOSTRA	%
Você sabe realmente qual o impacto dos juros sobre suas finanças?	Sim	15	65,22
	Não	8	34,78
Acredita que faz compras desnecessárias ou por impulso?	Sim	17	73,92
	Não	3	13,04
	Às vezes	3	13,04
Tem utilizado cartões de crédito ou crédito bancário automático por não possuir dinheiro disponível para as despesas?	Sim	8	34,78
	Não	8	34,78
	Às vezes	7	30,44
Prefere comprar um produto financiado a juntar dinheiro para comprá-lo à vista?	Sim	6	26,09
	Não	8	34,78
	Às vezes	9	39,13

Fonte: Elaborada pelo autor.

Halfeld (2008, p.24) afirma que “o maior desafio para construir uma vultosa poupança está na dor que imediatamente é sentida quando se renuncia ao consumo imediato, na esperança de ser recompensado em um futuro ainda bem distante”. Segundo o autor, muitos confundem os verbos necessitar e precisar com o verbo desejar. A diferença entre pessoas que ganham muito dinheiro e não conseguem poupar e aquelas que ganham pouco e são poupadoras é a capacidade de não cair nas tentações do consumismo.

Segundo dados da pesquisa (Tabela 2), 73,92% dos respondentes afirmaram fazer compras desnecessárias ou por impulso; não fazem ou, às vezes consideram que fazem 13% da amostra. Com relação à utilização do cartão ou de outra modalidade de crédito bancário

para suprir as despesas, visualizou-se um equilíbrio entre aqueles que usam sempre, às vezes e nunca usam.

Tendo em vista que a população da amostra trabalha diretamente com produtos financeiros, cujo principal objetivo é a geração de juros, observou-se que 65,2% consideram que realmente sabe qual é o impacto dos juros sobre suas finanças. Somente 34,8% não reconhecem a extensão dos custos sobre suas finanças pessoais.

Segundo Sohsten (2004), há uma forte tendência de se gastar mais do que se ganha. É a era do consumo e nunca as estratégias de *marketing* das empresas foram tão bem elaboradas, com o único objetivo de vender mais e mais. As compras por impulso são facilitadas, devido às estratégias utilizadas, à facilidade de pagamento, às promoções, à entrega em domicílio e muitas outras técnicas utilizadas para fisgar aquelas pessoas que vivem no automático.

Silva (2005, pg. 56) assevera que “a maneira como se pratica consumismo deve ser revista e estar ciente da exorbitância que são os juros praticados atualmente”. Conforme fonte do autor, em pesquisa realizada pelo PROCON, em 2003, com consumidores, foi constatado que 97% dos entrevistados não tinham noção de como são calculados os chamados “juros da praça”.

3.3 RELEVÂNCIA DO ENSINO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA PESSOAL

Neste bloco da pesquisa, buscou-se visualizar a percepção dos funcionários quanto à importância de ter informações sobre finanças pessoais. Além disso, buscou-se visualizar, também, o nível de conhecimento, o interesse e a relevância em se aprimorar neste assunto.

Tabela 3 – Relevância do ensino da Educação Financeira Pessoal

QUESTÕES	ALTERNATIVAS	AMOSTRA	%
A obtenção de informações financeiras para você é...	Muito importante	18	78,26
	Importante	5	21,74
	Pouco importante	0	0
	Sem importância	0	0

continua...

Tabela 3 – Relevância do ensino da Educação Financeira Pessoal

QUESTÕES	ALTERNATIVAS	AMOSTRA	%
Com que frequência você procura informações sobre finanças pessoais?	Sempre procuro informações	9	39,13
	Procuro só quando preciso	10	43,48
	Nunca ou quase nunca	3	13,04
	Não sabia que existiam informações sobre o assunto	1	4,35
As informações disponíveis sobre finanças pessoais, nas diversas mídias de comunicação em que você tem acesso, são claras e ajudam na gestão de suas finanças?	Sim	15	65,22
	Não	5	21,74
	Não acesso	3	13,04
Você já participou de algum evento sobre o tema finanças pessoal?	Sim	6	26,09
	Não	17	73,91
Você tem interesse em participar em eventos deste tipo?	Sim	15	65,22
	Sim, mas só se for gratuito	4	17,39
	Não	4	17,39
Você conhece algum órgão governamental brasileiro que disponibilize informações sobre educação financeira?	Sim	4	17,39
	Não	19	82,61
Em sua opinião, é papel do estado promover e atuar diretamente na educação financeira da população?	Sim	13	56,52

Fonte: Elaborada pelo autor.

Do total da amostra, 78,26% consideram muito importante a obtenção de informações financeiras. Entre aqueles que estão sempre à procura de informações e aqueles que só buscam quando precisa há um equilíbrio (39,13 e 43,48% respectivamente). Somente 13,04% disseram que nunca ou quase nunca procuram informações sobre o assunto. Frankenberg (1999) argumenta que uma vida melhor e mais confortável passa necessariamente pelo aprimoramento educacional.

Na questão sobre a disponibilidade de informações sobre finanças pessoais nas diversas mídias e se essas eram de fácil entendimento, ajudando na gestão de suas finanças, 65,22% responderam que sim, 21,74% responderam que não e 13,04% responderam que acessavam essas informações. Da amostra total, 65,22% também manifestaram interesse em participar de eventos relacionados ao assunto e somente 17,39% não têm interesse em participar. Os outros 17,39% só participariam se fosse gratuito.

Educação Financeira pode ser entendida como um processo de transmissão de conhecimento, que permite o aprimoramento da capacidade financeira dos indivíduos, de

modo que esses possam tomar decisões fundamentadas e seguras, tornando-se mais integrados à sociedade, com uma postura pró-ativa na busca de seu bem-estar (SILVA, 2005).

Com referência à disponibilidade de informação sobre educação financeira por órgãos governamentais, 82,61% desconhecem que existem tais canais de aprimoramento e 17,39% afirmaram conhecer. Na responsabilidade do Estado em promover e atuar na educação financeira da população houve um equilíbrio de opiniões, sendo que 56,52% consideram ser do Estado a responsabilidade pela difusão desse conhecimento, contra 43, 48% que isentam o Estado de tal responsabilidade.

Para a OCDE (2004), o envolvimento das instituições financeiras no processo de Educação em Finanças Pessoais deve ser estimulado de tal forma que a adotem como parte integrante de suas práticas de relacionamento com seus clientes. Assim, devem lhes fornecer as informações financeiras que estimulem a compreensão de suas decisões, principalmente nos negócios de longo prazo e naqueles que comprometem expressivamente a renda atual e a futura de seus consumidores.

3.4 EXPECTATIVAS NA EXECUÇÃO DE UM PLANO DE GESTÃO FINANCEIRA

Neste bloco, conforme Tabela 4, estão demonstrados os resultados da percepção inicial dos entrevistados em relação à ferramenta de gerenciamento das finanças pessoais.

Tabela 4 – Conceitos e expectativas na execução de um Plano de Gestão Financeira

QUESTÕES	ALTERNATIVAS	AMOSTRA	%
Planejamento financeiro	Tenho um sistema de planejamento financeiro pessoal	8	34,78
	Já fiz há algum tempo, mas parei.	8	34,78
	Nunca comecei	7	30,43
Por que nunca se interessou em fazer?	Organizo tudo de cabeça	3	42,86
	Acho muito complicado	1	14,29
	Não acho importante,	1	14,29
	Outros motivos	1	28,56

Continua...

Tabela 4 – Conceitos e expectativas na execução de um Plano de Gestão Financeira

QUESTÕES	ALTERNATIVAS	AMOSTRA	%
Já fez e parou de fazer?	Achava muito chato ou complicado	3	37,50
	Não consegui o resultado esperado	2	25,00
	Não sei o motivo	3	37,50

Fonte: Elaborada pelo autor.

Segundo a cartilha *Uso Consciente do Dinheiro*, fornecida gratuitamente nas agências do Itaú/Unibanco, as pessoas perdem o controle das próprias despesas, porque consomem sem planejamento. Além disso, fazem empréstimos para os amigos e veem as prestações individualmente.

Da amostra total apresentada, na Tabela 4, houve um equilíbrio entre as três alternativas disponibilizadas aos respondentes. Os que fazem planejamento e os que um dia fizeram, mas abandonaram apresentaram o mesmo percentual, 34,78%. Os que nunca começaram um planejamento financeiro constam de 30,43%. Na segmentação da amostra, daqueles que não fazem planejamento, consideradas sete pessoas, a alegação predominante foi de que organizam tudo na cabeça, ou seja, de maneira informal, formam 42,8%.

Outros motivos considerados são achar muito complicado e não achar importante, ambos com um percentual de 14,3%. Assim, há também aqueles que um dia já fizeram e abandonaram a ferramenta, consideram chato e complicado, com 37%, os que não conseguiram o resultado esperado somam 25% da amostra segmentada e, por fim, houve também 37,5% que desistiram, sem lembrar-se do motivo.

Cerbasi (2004) comenta que para um planejamento não são necessárias ferramentas sofisticadas, sendo o motivo principal do fracasso e abandono a tendência das pessoas de colocarem sua vida pessoal em segundo plano, em razão de exigências profissionais. Também considera motivo para o fracasso a burocrática rotina de controlar gastos e traçar estratégias, o que não é tão prazeroso quanto comer, dormir, exercitar-se e fazer sexo.

3.5 AMOSTRA SEGMENTADA – SOMENTE AQUELES QUE FAZEM PLANEJAMENTO DE SUAS FINANÇAS PESSOAIS.

Na tabela abaixo, apurou-se dados do segmento que declarou fazer efetivamente a gestão de suas finanças pessoais. Foram consideradas nesta análise somente oito pessoas de um total de vinte e três respondentes.

Tabela 5 – Conceitos e expectativas da amostra que efetivamente declarou fazer gerenciamento de suas finanças.

QUESTÕES	ALTERNATIVAS	AMOSTRA	%
Por que resolveu elaborar um planejamento financeiro pessoal?	Passei por uma crise financeira.	2	25,00
	Sou muito organizado em tudo que faço.	2	25,00
	Tenho medo de passar por dificuldades financeiras.	2	25,00
	Para aumentar meu patrimônio.	2	25,00
Há quanto tempo elabora seu planejamento?	Há mais de dois anos	7	87,50
	Há menos de seis meses	1	12,50
Você faz o acompanhamento do planejamento financeiro elaborado?	Sim	6	75,00
	Não	2	25,00
Você se sente satisfeito com seu planejamento?	Sim	8	100,0
	Não	0	0

Fonte: Elaborada pelo autor.

A elaboração de um planejamento financeiro familiar não se restringe apenas a anotar os valores gastos e ver se o salário é suficiente para cobrir os custos. É preciso montar um orçamento para que não escape valor algum gasto e, conseqüentemente, um planejamento, a fim de minimizar as despesas ao máximo e poupar para o futuro. Fazer um orçamento, conforme Martins (2004) pode ser definido como o ato de estimar a renda familiar, definir metas de resultados e fixar as despesas.

As respostas apresentadas na Tabela 5 foram aplicadas ao segmento específico que informou fazer gestão de suas finanças regularmente, considerado aqui um público de oito pessoas.

Na primeira questão, buscou-se visualizar entre as alternativas apresentadas qual o motivo que levou os pesquisados a iniciarem um planejamento financeiro pessoal, sendo apurado um percentual de 25% para cada resposta apresentada. Na segunda questão, “há quanto tempo elabora seu planejamento”, 87,50% responderam que realizam há mais de dois anos, e 12,50% responderam que há menos de seis meses. Conforme Sohsten (2004), o importante é passar dos cinco primeiros meses, para daí tornar-se rotina.

Na questão do acompanhamento do planejamento realizado, 75% informaram que realizam este acompanhamento. Na última questão deste bloco, sobre satisfação com seu planejamento, a resposta foi unânime: todos concordaram estar satisfeitos com o planejamento de suas finanças pessoais.

Chiavenato (1993) assevera que de nada adianta planejar e organizar se não existir um controle efetivo sobre o que está sendo realizado. Segundo Kivosaki (2007) o controle financeiro permite, ainda, saber para onde vai o dinheiro e como fazê-lo ir para os lugares onde se gostaria que ele estivesse. Ele afirma que ao assumir o controle do futuro financeiro, a pessoa encontra a autoconfiança que irá ajudar em todas as áreas da vida. Por intermédio dessa autoconfiança incrementada encontrará a liberdade para ser e fazer aquilo que quer.

3.6 GESTÃO DE RESERVAS PARA EMERGÊNCIAS E APOSENTADORIA

Para uma boa administração das finanças pessoais, é preciso enxergar bem as receitas e as despesas para, assim, definir os objetivos para o presente e para o futuro. Na tabela abaixo, estão os resultados da pesquisa sobre como os entrevistados veem sua situação em relação a emergências financeiras, aposentadoria e ajuda, para organização de suas finanças pessoais.

Tabela 6 – Gestão de reservas para emergências e aposentadoria

QUESTÕES	ALTERNATIVAS	AMOSTRA	%
Quanto tempo falta para você se aposentar?	Mais de 30 anos	4	17,39
	Entre 20 e 29 anos	6	26,09
	Entre 10 e 19 anos	4	17,39
	Menos de 10 anos	9	39,13
Já sabe quais serão suas fontes de receitas na aposentadoria?	Sim	17	73,91
	Não	6	26,09
Você faz reserva financeira para emergências e imprevistos?	Sim	15	65,22
	Não	8	34,78
Você tem plano para o caso de ficar sem a renda atual nos próximos seis meses?	Sim	6	26,09
	Não	17	73,91
Você contrataria um consultor para fazer seu planejamento financeiro pessoal?	Sim	7	30,43
	Não	16	69,57

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com BITENCOURT (2004), a origem dos problemas financeiros está em conciliar os hábitos com a renda de cada um. Segundo o autor, existem apenas duas coisas a fazer com cada Real ganho: gastá-lo ou poupá-lo. O segredo em ter sucesso financeiro está em encontrar o equilíbrio.

Na população da amostra, (Tabela 6), visualizou-se que, para 17,39% da população, falta mais de 30 anos para se aposentar e, no outro extremo, consta um percentual significativo: 39,13% dos funcionários estão há menos de 10 anos para se aposentar. O restante, maioria da população, faixa intermediária entre 10 e 29 anos, representa 43,48% do total. A maioria, 73,91%, afirmaram saber quais serão suas fontes de renda quando se aposentarem.

Segundo Sohsten (2004), é aconselhável separar parte do dinheiro assim que se recebe. Para criar um compromisso, ele ainda aconselha criar-se um imposto pessoal: Imposto Permanente para Construção da Riqueza (IPCR).

Com relação à reserva financeira para emergências e imprevistos, o percentual daqueles que afirmaram ter essa reserva contra os que não fazem foi respectivamente 65,22% para 34,78%, ou seja, a maioria possui o hábito de garantir um fundo para emergências e imprevistos. Em relação ao fato de ficarem sem emprego ou renda nos próximos seis meses, nota-se que a maioria dos entrevistados não se protege contra essa situação, sendo que 73,91% afirmaram que não teriam um plano para essa situação e, somente 26,09% declararam possuir um plano caso essa situação venha a acontecer.

As pessoas previdentes geralmente adotam procedimentos que visam a evitar ou minimizar os efeitos de gastos com imprevistos. Esses procedimentos podem incluir seguro-saúde, seguro de vida e acidentes pessoais ou contra terceiros, seguro total do veículo, seguro residencial, poupança especial para cobrir o total ou parte dos gastos, entre outros (VIANA FILHO, 2003). Sohsten (2004) enfatiza a importância de se ter uma reserva financeira equivalente a pelo menos três meses da sua renda mensal.

Com relação a pedir ajuda a profissionais da área financeira, 69,57% afirmaram que não contratariam esse serviço. Contradizendo, dessa forma, as orientações de Frankenberg (1999), que recomenda a escolha de um planejador, classificando a consulta a esse profissional no mesmo nível que se dá ao médico da família. No gráfico abaixo, são apresentados os resultados sobre conhecimento pelos entrevistados de produtos financeiros, bem como a confiança deles em aplicar suas reservas nesses produtos.

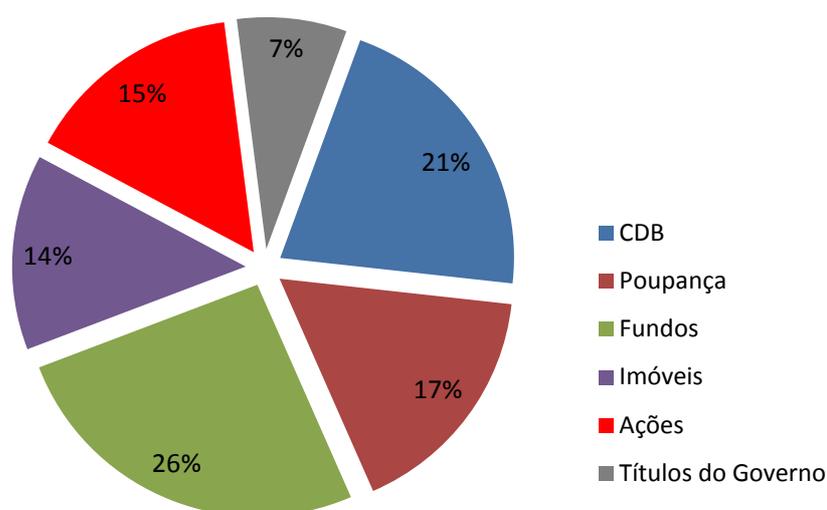


Gráfico 1- Produtos financeiros mais conhecidos & aplicação de reservas pessoais

Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com as alternativas sobre produtos financeiros, disponibilizadas aos entrevistados, a preferência foi respectivamente aplicação em fundos 26%; em CDB, 21%; em poupança, 17%; em ações, 15%; em imóveis, 14%; em Títulos do Governo, em último lugar na preferência, com 7%.

Nos dados apresentados, pode-se visualizar que a preferência dos entrevistados prevaleceu sobre produtos com perfil conservador, uma vez que o investidor busca como objetivo preservar seu capital. Ele não admite perder ou ver a sua aplicação encolher, ou seja, prefere risco zero. Esses resultados demonstram que os funcionários consideram para suas aplicações o mesmo critério que se verifica na oferta dos produtos aos clientes. Isso, de certa forma, tem a ver com a política e a orientação da empresa no segmento de atendimento ao público de varejo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diversas mudanças ocorridas na economia, tanto de ordem externa (planos econômicos, estabilização da moeda) como de ordem interna (salários, planos de reestruturação) alterou de forma significativa a forma como o dinheiro deve ser administrado. Evidencia-se que a ausência de planejamento financeiro é um fator determinante para o endividamento. Seus reflexos vão além da vida pessoal, comprometendo o rendimento e a qualidade do trabalho, criando risco à credibilidade da empresa.

O planejamento e a solução de uma dificuldade possuem um relacionamento íntimo. O planejamento serve tanto para se alcançar um objetivo como para solucionar um problema (DAYTON; ENGTROM, 1980). Ao gerirem suas finanças de forma adequada, as pessoas podem melhorar física e emocionalmente suas vidas, tanto no ambiente pessoal quanto no profissional.

A proposta deste trabalho teve como objetivo geral identificar o nível de conhecimento e a utilização de ferramentas na administração das finanças pessoais pelos funcionários do Banco X S.A., Agência de Campo Bom – RS, em suas decisões financeiras. Dessa forma, comparar suas percepções sobre a Gestão Financeira Pessoal.

O universo desta pesquisa foi formado por funcionários, lotados na Agência do Banco X, em Campo Bom. Foi utilizado como instrumento para a coleta de dados um questionário com 31 perguntas, com respostas fechadas. Os formulários foram entregues pessoalmente pelo autor do trabalho aos vinte e oito (28) funcionários, considerados como população-alvo da pesquisa, sendo que retornam, vinte e três (23) questionários preenchidos que representaram o total da população, definida como população da pesquisa.

O objetivo geral foi apurar se os funcionários do Banco X, da Agência de Campo Bom, no Rio Grande do Sul fazem gerenciamento de suas finanças de forma organizada, utilizando ferramentas de gestão financeira. As perguntas foram elaboradas, buscando-se apurar informações sobre o perfil dos respondentes, idade, sexo, escolaridade, aprofundando, com perguntas sobre como administram suas vidas financeiras, como tomam suas decisões de compra, o que representa para eles conhecimento sobre finanças pessoais e sobre planejamento e controle financeiro. Nesta parte, segmentaram-se aqueles que realizam sua gestão financeira pessoal, finalizando com informações sobre produtos financeiros para a

formação da poupança e da aposentadoria. As perguntas foram distribuídas aleatoriamente no questionário, buscando-se dessa forma inibir o encadeamento de ideias, evitando a indução na resposta seguinte.

Conforme dados apurados, os funcionários dão importância para a busca de informações sobre educação financeira e consideram muito importante buscar informações sobre o assunto. Percebeu-se que existe um interesse da maioria em adquirir conhecimento sobre o assunto: planejamento financeiro e a formação de patrimônio. Dos entrevistados, 65,22% concordaram que a qualidade das informações disponíveis, nas diversas mídias de comunicação, são claras e ajudam na gestão financeira pessoal, o que indica que existem informações disponíveis sobre o assunto e com qualidade.

Apesar do tema sobre educação financeira ser considerado muito importante na prática, não acontece de forma efetiva, pois se verificou que somente 26% participaram de algum evento formal sobre o tema finanças pessoais, o que demonstra, um distanciamento entre o simples interesse e a consolidação do conhecimento. Isso pode ser atribuído também a pouca oferta de cursos, pois, quando questionados sobre o interesse em participar em eventos dessa categoria, 66% disseram que gostariam de participar. Constatou-se que o interesse e a busca por informações não demonstradas pela maioria, aqui considerado como participação em evento específico, voltado para a gestão financeira.

Sobre comportamento organizacional e planejamento pessoal, considerando-se uma abordagem mais ampla, foram apurados dados sobre como os respondentes veem sua situação financeira no contexto atual e no futuro, formação de poupança e reserva para aposentadoria. Buscou-se, também, analisar se havia alguma relação entre funcionários que entraram para o mercado de trabalho antes e após o período da inflação elevada. Apurou-se que 60% dos que entraram no mercado de trabalho, entre 6 e 10 anos, faz gestão financeira. Em contrapartida, dos funcionários com mais de 10 anos, somente 29% responderam que realizam gestão de suas finanças.

Apesar da quase totalidade do retorno dos questionários, a pesquisa abrangeu uma população pequena, se considerado todo o conglomerado da instituição bancária. Não se pode deixar de registrar também que, apesar da maioria da população ter nível superior, não foi um fator determinante para a gestão das finanças pessoais.

Ao se confrontar o referencial teórico com as respostas apresentadas na pesquisa, depara-se com alguns pontos muito salutares em relação ao tema, a teoria versus a prática. É

notório que as pessoas não sabem o que é Planejamento Financeiro, cujo conceito é tão amplo, sendo resumido na prática como o que entra e o que sai durante o mês. No caso específico deste estudo, a amostra é composta por funcionários de um banco que tem por tradição dar a seus funcionários estabilidade e facilidade de crédito, para não se preocupar com sua vida no longo prazo.

No quesito acompanhamento e controle de suas finanças, contentam-se em fazê-lo pelo meio mais antagônico ou nem o fazer, alegando falta de tempo ou não sentir necessidade. Desse modo, acabam ficando à margem, sem conhecer as facilidades tecnológicas existentes e sem ter uma informação capaz de auxiliá-lo na tomada de decisão.

Como limitação deste trabalho, pode-se considerar que a amostra utilizada restringe-se a uma agência somente. Considerando a abrangência nacional da empresa, não reflete a realidade total do banco em nível nacional. Outro fator a ser considerado é o assunto ser delicado e difícil de tratar, pois a maioria das pessoas tem dificuldade de assumir para si e para os outros que tem uma vida financeira descontrolada e desorganizada.

Sugere-se para o futuro uma pesquisa mais abrangente, que seja aplicada com um número maior de bancários, com o objetivo de verificar de uma forma mais ampla o comportamento e o conhecimento deles em relação aos objetos estudados. A pesquisa foi de grande importância para o autor (bibliográfica e de campo), pois aumentou ainda mais o interesse pelo assunto e a busca de especialização no uso do dia a dia.

Apesar das limitações do método utilizado, entende-se que os objetivos da pesquisa foram alcançados. Constatou-se que, apesar do alto nível de escolaridade, acesso a informações e conhecimento sobre o assunto, o percentual de funcionários que faz a gestão efetiva de suas finanças pessoais é muito pequeno.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, A. **Mercado financeiro**. 8 ed. São Paulo, Atlas, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIROS E DE CAPITAIS – ANBIMA. **Análise de perfil do investidor**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.comoinvestir.com.br/analise-de-perfil-do-investidor/Pagina.aspx#fragment-3>> Acesso em: 20set. 2010.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Educação e cultura**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?EDUCACAO>> acesso em: 22set 2010.

BERNHEIM, B. Douglas; GARRETT, Daniel M. **The effects of financial education in the workplace: evidence from a survey of households**. Journal of Public Economics, v.87, p. 1487-1519, 2003. Disponível em: <<http://www.personalfinancefoundation.org/research/file/Evidence-from-a-Survey-of-Households.pdf>> Acessado em: 05 abr.2011.

BERNSTEIN, Peter L.; DAMODARAN, Aswath D. **Administração de investimentos**. Porto Alegre: Editora Bookman, 2000.

BOLSA DE VALORES DO ESTADO DE SÃO PAULO – BOVESPA. Disponível em: <<http://www.bovespa.com.br/>> Acesso em: 06 ago. de 2010.

CENTRALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS BANCÁRIOS S/A – SERASA. **Guia SERASA de orientação do cidadão**. Disponível em <<http://www.serasa.com.br/guia>>. Acesso em: 25set 2010.

CERBASI, Gustavo. **Casais inteligentes enriquecem juntos**. São Paulo: Gente, 2004.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução a teoria geral da administração**. 4. ed. São Paulo: Makron Books Brasil, 1993.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (CVM). **Portal do investidor**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.portaldoinvestidor.gov.br/Portals/0/InvestidorOndeinvestirQualomelhorinvestimentoparavoc%C3%AA/tabid/85/Default.aspx>> Acesso em: 22abr2011

DAYTON, Edward R; ENGSTROM, Ted W. **Como aproveitar ao máximo o seu tempo e potencial**. B. Horizonte: Betânia, 1980

ENGEL, James F.; BLACKWELL, Roger; WINIARD, Paul W. **Comportamento do consumidor**. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

FERREIRA, Rodrigo. **Como planejar, organizar e controlar seu dinheiro**: Manual de Finanças Pessoais. São Paulo: IOB Thompson, 2006. 160p

FORTUNA, Eduardo. **Mercado financeiro**: produtos e serviços, 17ªed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2008.

FRANKENBERG, Louis. **Seu futuro financeiro**: Você é o Maior Responsável. 15ª ed., Rio de Janeiro: Campus, 1999.

HALFELD, Mauro. **Investimentos**: Como administrar melhor seu dinheiro. São Paulo: Fundamento Educacional, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Pesquisa de orçamento familiar (POF) 2008-2009**. Disponível:
<http://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Mensal_de_Emprego/fasciculo_indicadoresibge/pme_200712pubCompleta.zip> Acesso em 24 mar.2011

KIYOSAKI, Robert T., LECHTER, Sharon L. **Pai rico pai pobre**. Rio de Janeiro: Campus. 2000.

KIYOSAKI, Kim. **Mulher rica**: O Livro de Investimento Para Mulheres. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing**. 10 edição São Paulo. Pearson Prentice Hall, 2005

LUQUET, Mara. **Guia econômico**: valor de finanças pessoais. São Paulo: Globo. 2003.

MACEDO, R. **As muitas virtudes da caderneta de poupança**. 01.06.2010. Disponível em:
<http://www.bb.com.br/portallbb/page251,116,2232,1,1,1,1.bb?codigoMenu=1092&codigoNoticia=24326>. Acessado em: 24 out. 2010.

MARTINS, J. P. **Educação financeira ao alcance de todos**. São Paulo: Fundamento, 2004.

OCDE (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico). **OECD's Financial Education Project. Assessoria de Comunicação Social, 2004**. Disponível em:
<www.oecd.org/>. Acesso em: 29ago2010

PEREIRA, Glória Maria Garcia. **A energia do dinheiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

ROBINSON, Roland I; JOHNSON, Roberto W. **Finanças**: Problemas Com Soluções. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico SA, 1970.

SILVA, Eduardo D. **Gestão em finanças pessoais** – Uma Metodologia para se Adquirir Educação e Saúde Financeira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

SMITH, B. OECD's Financial Education Project: improving financial literacy and capability. Ottawa, jun. 2005. **Apresentação preparada para o evento Canadians and their money**: a national symposium on financial capability. Disponível em:
<<http://policyresearch.gc.ca/doclib/FCAC/Session%205%20Barbara%20Smith.pdf>>Acesso em: 25ago2010

SOHSTEN, Carlos Von. **Como cuidar bem do seu dinheiro** . 1 ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004. TOLEDO, Elaine. **Saiba Mais Para Gastar Menos: trabalhando sua inteligência financeira**. São Paulo: Alaúde Editorial, 2006.

TOSCANO, Luis Carlos Jr. **Guia de referência para o mercado financeiro**. São Paulo: Edições Inteligentes, 2004.

VIANA FILHO, Hernani Velloso. **Opa, meu dinheiro não é capim**. Salvador: Idéia Livre, 2003

ZDANOWICZ, José Eduardo. **Fluxo de caixa: Uma Decisão de Planejamento e Controle Financeiro**. 10 ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto

APÊNDICE

Formulário de coleta de dados (questionário).

Este questionário tem a finalidade de conhecer um pouco mais sobre a utilização de sistemas de planejamento financeiro pessoal. Os dados serão utilizados para elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com graduação na área de finanças. Todos os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para a pesquisa em questão e trabalhados de forma a proteger o seu anonimato.

Obrigado pela sua participação nesta pesquisa!

RESPONSÁVEL: Roque Marconi de Mello, graduando do curso de Administração da UFRGS.

Entende-se por “Informação sobre Finanças Pessoais ou Educação Financeira Pessoal” como o conjunto de conhecimentos que auxilia a pessoa a gerenciar melhor sua disponibilidade financeira. São informações que educam você a administrar corretamente o seu dinheiro, a gastar e a utilizar créditos disponíveis, poupar e investir, de modo que você tenha uma vida financeira saudável.

- 1) Em sua opinião, obter informações voltadas à educação financeira pessoal é:
 - a) Muito importante
 - b) Importante
 - c) Pouco importante
 - d) Sem importância

- 2) Com que frequência você procura informações sobre finanças pessoais?
 - a) Sempre procuro informações sobre o assunto.
 - b) Procuro só quando preciso.
 - c) Nunca ou quase nunca procuro informações sobre este assunto.
 - d) Não sabia que existiam informações sobre esse assunto.

- 3) Acha que as informações disponíveis atualmente sobre Finanças Pessoais, nas diversas mídias de comunicação a que você tem acesso, são claras e lhe ajudam a manter uma boa saúde financeira?
 - a) Sim
 - b) Não
 - c) Não acesso

- 4) Você possui independência financeira (sustenta-se sem o auxílio de outras pessoas)?
 - a) Sim
 - b) Não

- 5) Quantas pessoas dependem financeiramente de você (filhos, enteados, pais, etc.)?
- a) 1
 - b) 2
 - c) 3
 - d) 4
 - e) 5 ou mais
- 6) Sua experiência em trabalho remunerado é de:
- a) até 2 anos
 - b) 2 a 4 anos
 - c) 4 a 6 anos
 - d) 6 a 10 anos
 - e) mais de 10 anos
- 7) Sua idade está entre:
- a) 18 e 25
 - b) 26 e 35
 - c) 36 e 45
 - d) Mais que 45
- 8) Escolaridade:
- a) Fundamental
 - b) Médio
 - c) Superior
- 9) Qual seu estado civil?
- a) Solteiro
 - b) Casado
 - c) Viúvo
 - d) União estável
- 10) Sexo:
- a) Masculino
 - b) Feminino
- 11) Você já participou de algum evento formal cujo tema era relacionado à finanças pessoais?
- a) Sim
 - b) Não
- 12) Você tem interesse em participar deste tipo de evento?
- a) Sim
 - b) Sim, mas só se for gratuito
 - c) Não
- 13) Você conhece algum órgão governamental brasileiro que disponibilize informações sobre educação financeira pessoal?
- a) Sim
 - b) Não

14) Em sua opinião, é papel do Estado promover e atuar diretamente na educação financeira da população?

- a) Sim
- b) Não

15) Quanto tempo falta para você se aposentar? Entenda: parar de trabalhar e viver com a renda ou capital adquirido no decorrer da sua vida profissional.

- a) Mais que 30 anos
- b) Entre 20 e 29 anos
- c) Entre 10 e 19 anos
- d) Menos de 10 anos

16) Já sabe quais serão suas fontes de receita na aposentadoria?

- a) Sim
- b) Não

Planejamento financeiro pessoal é um processo racional de administrar/ordenar a nossa vida financeira, objetivando tornar realidade os sonhos, desejos e objetivos. Construir um patrimônio que garanta na aposentadoria fontes de renda suficientes para termos uma vida tranquila e confortável.

17) Sobre planejamento financeiro pessoal:

- a) Nunca comecei nenhum.
- b) Já fiz há algum tempo, mas parei.
- c) Tenho um sistema de planejamento financeiro pessoal por escrito.

Para continuar: Se sua resposta for “a” responder apenas a questão número 18 e continue a partir da 25;

Se for “b” somente a questão 19 e continue a partir da 25;

Se for “c”, continue a partir da questão 20.

18) Por que nunca se interessou em começar a fazer um planejamento financeiro pessoal?

- a) Organizo tudo de cabeça.
- b) Não quero ver a minha realidade.
- c) Acho muito complicado.
- d) Não acho importante, pois ninguém sabe do futuro.

19) Por que não faz mais?

- a) Achava chato ou complicado.
- b) Não consegui o resultado esperado.
- c) Não sei.

20) Há quanto tempo elabora esse planejamento?

- a) Há menos de 6 meses
- b) Entre 6 meses e 1 ano
- c) Entre 1 e 2 anos
- d) Mais de 2 anos

- 21) Você se sente satisfeito com esse planejamento? Acha que ele lhe ajuda a controlar e a manter uma boa saúde financeira?
- Sim
 - Não
- 22) Por que resolveu começar a elaborar um planejamento financeiro pessoal?
- Passei por uma crise financeira.
 - Sou muito organizado em tudo o que faço.
 - Tenho medo de passar por dificuldades financeiras.
 - Para aumentar meu patrimônio.
 - Outro: _____
- 23) Você faz o acompanhamento do planejamento financeiro elaborado?
- Sim
 - Não
- 24) Você faz uma reserva financeira para emergências e imprevistos?
- Sim
 - Não
- 25) Você tem um plano para o caso de ficar sem a renda atual nos próximos 6 meses?
- Sim
 - Não
- 26) Sabe realmente qual o impacto dos juros (do cheque especial, da compra a prazo, do financiamento, etc) sobre as suas finanças?
- Sim
 - Não
- 27) Acha que faz compras desnecessárias ou por impulso?
- Sim
 - Não
 - Às vezes
- 28) Tem utilizado cartões de crédito ou crédito bancário automático (ex. cheque Especial) por não possuir dinheiro disponível para as despesas?
- Sim
 - Não
 - Às vezes
- 29) Prefere comprar um produto financiado a juntar dinheiro para comprá-lo à vista?
- Sim
 - Não
 - Às vezes
- 30) O mercado brasileiro possui uma variada gama de produtos para investimento. Marque entre as opções, as que você tem conhecimento e que você investiria seu dinheiro?
- | | | |
|------------|-------------|---------------------------|
| a) CDB | b) Poupança | c) Fundos de Investimento |
| d) Imóveis | e) Ações | f) Títulos do Governo |

- 31) Você contrataria um Consultor para fazer seu planejamento financeiro pessoal?
- a) Sim
 - b) Não